



TOLEDO, Conceição Arruda. Brasão de Campinas (4). Diário do Povo, Campinas, 01 set. 1977.

Brasão de Campinas

IV

Conceição Arruda Toledo

A cartela em que se apoia o escudo do primitivo brasão de Campinas é quase a reprodução da que aparecia nas armas da cidade do Rio de Janeiro desde 1856 ou 58 e até 1889, por isso, eivada dos mesmos inconvenientes, entre outros, a forma irregular do escudo, — denotadora de decadência, em oposição ao espírito da fênix, — símbolo da ressurreição, cujo desenho acompanhou o estilo universal do modelo apresentado pela maioria dos tratados de heráldica de várias nacionalidades.

Figura quimérica, a fênix, não existe protótipo no reino animal. Segundo a fábula, assemelha-se à águia. Daí o modelo heráldico que, evidentemente, não foi inspirado nos armoriais portugueses, onde não foi utilizado. Não se o encontra entre os 1478 escudos catalogados no "Armorial Português" de G. L. Stos. Ferreira; e uma única vez entre os 1870 do "Brasonário de Portugal, de Armando de Matos".

Tal símbolo foi mais usado na Alemanha e na Inglaterra que na Itália e na França. A rigor, não há tradição latina em seu desenho.

Quanto à coroa mural, também inspirada no brasão do Rio de Janeiro, "acompanha a tendência dos desenhos do começo do século XIX, em que não se observava a chamada perspectiva heráldica. Ela é toda lavrada de ouro com um muro circular com 3 poternas visíveis e abertas de vermelho, sustento 3 torres visíveis de 3 peças, as duas laterais com sua fresta iluminada da mesma cor. Segundo a perspectiva, ela corresponde a uma coroa de 4 torres".

A coroa mural dos brasões municipais é o símbolo representativo da cidade autônoma. No primitivo brasão ela

foi eliminada, devido aos termos de sua aprovação. Restabelecida à revelia, pelo menos desde 1896, pois nesse ano César Bierrenbach propusera a oposição de uma lira "por sobre a coroa mural" do brasão da cidade, a título de homenagem a Carlos Gomes, falecido nesse ano. Apesar da aprovação da Câmara, tal acrescentamento não foi efetivado. Para tanto, seria mister a oposição de uma cimeira, — elemento impróprio para armas de cidade. A proposta serviu, no entanto, para mostrar o restabelecimento da coroa mural já em 1896.

A primeira parte de "Insignias de Campinas e sua História", 45 páginas dactilografadas, sintetizada nesta série de quatro artigos, termina com um relato, lembrado a contra-gosto pelo autor e para o qual chamo a atenção das autoridades e leitores, pois a última reforma de 1973 muito tem a ver com ela, como verificarão na leitura da sequência do assunto em próximas edições deste jornal.

"O espírito que presidiu a sua concepção foi preponderantemente monárquico".

... Logo após a sua adoção surgiu um comentário até certo ponto rasteiro que parece ter partido de Hipólito da Silva e que foi aproveitado pelos republicanos extremados. Passaram estes a insinuar entre as classes menos cultas que o excêntrico vereador monarquista havia escolhido para símbolo de Campinas "um galináceo assado".

"Considerada a conjuntura histórica, a chalaca produziu seu efeito efêmero: hoje, porém, sua repetição não seria apreciada, não só pela falta de originalidade, como pela carência de motivação além de se tornar deselegante, porque a consagração popular envolveu protetoramente o símbolo logo que apreendeu a poderosa emblemática da fênix lendária".